

Flood, Anthony, *The Metaphysical Foundations of Love: Aquinas on Participation, Unity, and Union*, The Catholic University of America Press, Washington 2018; 148 pp.; ISBN: 978-0-8132-3120-4.

Anthony Flood escreve esta obra a partir da verificação da necessidade de

analisar a filosofia prática de Tomás de Aquino à luz dos seus supostos metafísicos. A análise proposta pelo autor baseia-se nas explicações do Angélico acerca dos princípios de *participação*, de *unidade* e de *união*. A partir de um estudo detalhado destes três conceitos-chave da metafísica de Tomás, Flood explora as ramificações do amor de si. O amor de si, na opinião de Flood, pode ser considerado como o fundamento dos aspetos essenciais da vida humana. Porém, este amor próprio não deve ser entendido como auto adoração ou como sentimento narcisista. O autor explica que o amor de cada sujeito por si próprio assenta num desejo fundamental de bem e deriva da unidade substancial da pessoa. Flood explica a relação hierárquica e metafísica entre unidade e união, sendo a unidade fundamento da relação de união entre duas coisas. Sendo o amor interpessoal uma relação de união, tem também como fundamento a unidade substancial, a unidade de si alcança-se pelo amor de si e pelo amor a Deus (pp. xi). Nesta obra, Flood explora o argumento avançado na sua obra anterior *The Root of Friendship: Self-Love and Self-Governance in Aquinas*, segundo a qual a *subjetividade* (diferente de consciência de si) é um elemento central na antropologia de Tomás de Aquino (pp. x). Quanto a este aspeto, o autor explica que segue as interpretações de Karol Wojtyła e Charles Taylor sobre a subjetividade interior; de Linda Zagzebski, sobre a subjetividade irreduzível e a omnisubjetividade; e de Therese Scarpelli Cory, sobre subjetividade experiencial (pp. xiv).

Esta obra está dividida em seis capítulos. Os capítulos de um a cinco estabelecem os princípios da filosofia prática de Tomás de Aquino supra indicados. Como se referiu, estes capítulos destinam-se a fundamentar o argumento de Flood no seu livro anterior, que é desenvolvido com novos detalhes no sexto capítulo. O primeiro capítulo (pp. 1 a 24) constrói a base da análise que o autor fará nos capítulos seguintes. Nele são apresentados os três conceitos da metafísica de Tomás mencionados, na sua articulação com a interpretação de Flood sobre a doutrina da amizade do Angélico. Na interpretação de Flood, a amizade – com Deus, consigo próprio e com outras pessoas – é considerada por Tomás de Aquino como a forma superior do amor. De entre esta tríplice forma de amizade, Tomás considera que o amor aos outros não pode ser superior ao amor de si. A justificação para esta visão aparentemente egoísta do amor está na superioridade ontológica da unidade substancial individual relativamente à relação entre outras unidades substanciais ou pessoas. O amor próprio é mais importante do que o amor pelos outros na medida em que, do ponto de vista ontológico, é a primeira forma de união substância – a da pessoa enquanto ser racional – que nutre a segunda. Além desta forma primeira de união substancial, Tomás concebe outro tipo de união, que Flood também

analisa: a semelhança. Pela semelhança entre indivíduos são construídos os primeiros passos para a união final – «the union of possession or real union with the beloved» (pp. xi) – e para a manutenção das amizades. O cultivo da amizade, no sentido de amizade verdadeira precisa de atos de amor contínuos e persistentes, que apenas são possíveis mediante um amor próprio regrado e orientado para o verdadeiro bem, que, na ótica de Tomás, é o próprio Deus.

No segundo capítulo (pp. 25-43) Flood desenvolve o estudo do princípio da semelhança na construção da amizade com o outro. A disponibilidade e aptidão para amar outra pessoa requer que haja semelhança entre as duas pessoas. A natureza humana, partilhada entre seres humanos, é uma semelhança suficiente para que seja construído um laço de amizade. Contudo, quanto maior o grau de semelhança entre dois indivíduos, maior a probabilidade de se unirem no afeto. Desde esta perspectiva, as relações familiares tendem a ser mais estáveis e duradouras do que as relações construídas por escolha própria, cujo nível de união é mais intenso e «often lack the stability and permanency marking familial relationships» (pp. 28). Segundo Flood, Tomás de Aquino considera que a relação matrimonial é a mais importante entre os diversos elos de amizade humana. Pelo compromisso de fidelidade são criadas condições para que a união, para além de intensa e íntima, se torne também uma união que aproxime ambos o máximo possível da sua própria unidade metafísica. Essa aproximação é possível pela partilha e aceitação recíproca da vida interior de cada um.

No terceiro capítulo (pp. 44-66), Flood analisa o papel de Deus no amor. Este capítulo reporta ao princípio da participação ontológica: a criatura existe na medida em que participa no ser divino, uno e primordial. Não esqueçamos que a filosofia prática de Tomás de Aquino brota profundamente da sua doutrina criacionista. Por isso, para além da relação de cada um consigo próprio, no sentido da prosperidade da vida comunitária e da aquisição da beatitude, é fundamental o amor a Deus acima de todas as coisas. O amor a Deus é possível unicamente pela participação ontológica. Desta amizade com Deus deriva o amor de si adequadamente orientado pelos valores universais e que irá de igual modo orientar as formas de união/unidade com os demais. Segundo Flood, Tomás de Aquino defende os seguintes princípios: a unidade é superior à união, a unidade é causa de maior amor e a união de menos. Devemos, por isso, amar primeiro e mais Deus do que nós próprios. Flood diz que estes princípios podem levar a duas considerações: a primeira diz que há uma unidade metafísica entre Deus e todos os seres humanos, que corre o risco de ser lida como panteísta; a segunda afirma que a relação metafísica de cada um com Deus constitui algo tão fundamental que

«his very unity and identity have an ongoing relational dependency in God» (pp. 49). O que o autor pretende mostrar é que a identidade humana é inerentemente relacional, na medida em que a própria existência do sujeito enquanto substância individual depende da sua relação ontológica com Deus. Tomás de Aquino mantém que essa qualidade relacional, naturalmente intrínseca na identidade pessoal, se estende do amor de si para o amor aos outros. Portanto, aquilo que é ser um ser humano é estar enraizado em Deus por via da participação e, por isso, a maneira mais primária de atividade amorosa de si deve ter relação a Deus para que seja a melhor possível e a mais adequada.

Nos capítulos quarto e quinto (pp. 67-84, pp. 85-109) o autor descreve os tipos de orientação do amor. No capítulo quarto analisa as deformações das uniões que resultam de orientações consideradas por Tomás como desviadas e desviantes da amizade com Deus. Flood explica que este tipo de desvio e de decadência do amor a Deus é por norma resultante do amor de si construído sobre o orgulho. O orgulho origina vários tipos de atitudes egoístas que acabam por isolar e produzir tristeza no sujeito. Estas consequências do amor próprio baseado no orgulho não resultam apenas do mal enquanto movimento que contraria a direção da criatura para Deus, mas radicam no desvio da própria identidade metafísica do ser humano. Neste capítulo, Flood também analisa o papel de Satanás neste processo de deformação. No quinto capítulo o autor ocupa-se dos modos práticos e quotidianos de progresso dos três tipos de amor: amor a Deus, a si próprio e aos outros. Ao longo do capítulo, Flood defende que, de acordo com o modelo ético de Tomás de Aquino, o correto modo de proceder para desenvolver a amizade quer com Deus quer com os outros é a conformação da vontade própria à vontade divina. No capítulo final, Flood explora o conceito de subjetividade que tinha desenvolvido no seu primeiro livro e reformula o seu antigo argumento. Esta nova versão do seu argumento apresenta-se, na presente obra, constituído por 3 proposições: 1) a amizade deriva do amor de si, e tudo aquilo que pode ser dito de relevante sobre a primeira é dito sobre o segundo; 2) uma vez que a amizade é, principalmente, a aceitação e a experiência da vida interior do outro pela sua partilha voluntária, também o amor próprio envolve a experiência da própria vida interior de cada um; 3) da mesma forma que a unidade é superior à união, também a experiência de si é mais permanente e contínua do que a experiência relacionada com as amizades interpessoais. Flood explica que esta sua reformulação do argumento face à versão precedente é fruto tanto da análise feita nos capítulos anteriores quanto do trabalho de Therese Scarpelli Cory. O autor trabalha também o conceito de omni-subjetividade de Linda Zagzebski, entendido como uma propriedade importante

que se deve atribuir à concepção tomista de Deus. Este conceito, que resulta de uma aplicação à análise da subjetividade dos atributos divinos da onnipresença e da onisciência, indica o facto de Deus conhecer de modo completo e preciso cada estado consciente de cada ser na perspectiva da primeira pessoa. Flood utiliza esta noção para fundamentar a subjetividade relacional – aquela subjetividade que consiste na relação ontológica do eu com Deus – recorrendo à análise de escritos de Tomás de Aquino nos quais o autor reconhece poderem fundamentar-se validamente algumas afirmações de Zagzebski.

O capítulo sexto e último termina com algumas considerações acerca da caridade, enquanto relação de amizade com Deus, mostrando como a explicação de Tomás sobre esta virtude oferece uma visão completa da subjetividade pessoal. O argumento de Flood contribui para desenvolvimentos das discussões tomistas sobre a natureza da ação humana, assim como para o aprofundamento das interpretações da ética e da antropologia tomasianas. Este livro, ao apresentar uma análise muito completa e fundamentada da metafísica do amor construída por Tomás de Aquino, permite compreender como as teorias metafísicas estão implicadas nas soluções de outras questões filosóficas do Angélico, concretamente nas questões de filosofia prática. Mais concretamente, contribui para os estudos tomistas acerca do problema da intersubjetividade.

Maria Eduarda Machado
(Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.
Bolsreira de doutoramento FCT)